

# O TRIPEIRO



ENGENHEIRO EZEQUIEL DE CAMPOS

## SUMÁRIO

- 2 EZEQUIEL DE CAMPOS  
AS LIÇÕES DA SUA VIDA  
por Francisco de Almeida e Sousa
- 9 O SALÃO ÁRABE  
DO PALÁCIO DA BOLSA NO PORTO  
por Flório de Vasconcelos
- 15 O DR. JOÃO SUCARELO CLARRMONTE  
por Eugénio Andrea da Cunha e Freitas
- 25 OS ESTATUTOS DA CONFARRIA  
DE S. GONÇALO DE AMARANTE  
DA SÉ DO PORTO (1768)  
por Ivo Carneiro de Sousa
- 32 INFORMAÇÕES DA CORTE  
PARA D. GASPRA DE BRAGANÇA  
UM DOCUMENTO DOS ÚLTIMOS ANOS  
DE PODER DO MARQUÊS DE POMBAL  
por Pedro Vilas Boas Tavares
- 37 O PRESENTE E O FUTURO NA FÁBRICA  
DE FIAÇÃO E TECIDOS DO RIO VIZELA, LDA.  
por Jorge Fernandes Alves
- 41 FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS  
DO RIO VIZELA  
AS ORIGENS  
por Jorge Fernandes Alves /  
/ Silvestre Lacerda
- 47 A FEIRA DOS MOÇOS  
por José A. Rio Fernandes
- 49 O AUTOMÓVEL EM PORTUGAL  
— CEM ANOS DE HISTÓRIA  
por João Afonso Machado
- 52 VIDA CULTURAL
- 61 ACONTECEU HÁ 50 ANOS

PROPRIEDADE: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

SEDE: Palácio da Bolsa • R. Ferreira Borges  
Telef. 2002728 • 4050 Porto

ADMINISTRAÇÃO: Eng. Vergílio Folhadela Moreira (Presidente)  
Eng. Francisco de Almeida e Sousa (Administrador)  
João Auy Ribas dos Santos (Administrador)

DIRECÇÃO: Dr. F. Almeida Conde (Director)  
Dr. A. Canedo (Director Adjunto)

COORDENAÇÃO GERAL: Dra. Maria do Pilar Garcia  
José Leão

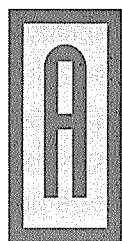
Depósito Legal n.º 11457/86 • Registo na D.G.C.S. n.º 107643  
Revista Mensal • Preço: 1.700\$00 • Assinatura Anual: 8.500\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA: UNIARTE GRÁFICA • PORTO

DISTRIBUIÇÃO: MÁRIO DA SILVA BRAGA, LDA.  
Rua Duque de Terceira, 271 - 4000 PORTO

TIRAGEM: 5000 EXEMPLARES

7.ª SÉRIE • ANO XV • NÚMEROS 1-2 • JANEIRO/FEVEREIRO 1996



O longo do século XIX, as formas através das quais o Porto se afirmou economicamente diversificaram-se, ampliando-se — e aprofundando-se — o intercâmbio entre a cidade e uma região envolvente que era geograficamente acrescida, na medida em que a maior dimensão da cidade e as maiores facilidades de circulação iam concretizando a ideia de «capital do Norte» que permitia ao Porto distanciar-se de «terceiras cidades» nacionais (Coimbra, Braga, Évora...).

Neste quadro, a par de entreposto comercial de grosso trato e sede regional da finança, a cidade do Porto assistiu ao reforço do papel do comércio retalhista, designadamente através do aumento do número e diversidade das feiras e com uma cada vez mais solidificada e generalizada separação do fabrico e da venda, correspondendo a uma modernização do aparelho económico que vai contribuir, de forma significativa, para a afirmação e desenvolvimento da cidade.

## A FEIRA DOS MOÇOS

Tratava-se ainda, no essencial, de um papel secundarizado, de mera colocação junto dos consumidores daquilo que a fábrica produzia e cuja venda ela comanda, agora que a Revolução Industrial estava definitivamente instalada, ameaçando a sobrevivência do artesão e desenvolvendo uma burguesia capitalista que ia fazendo fortuna.

Todavia, enquanto que a cidade se industrializava e modernizava e o comércio fixo se ia sedimentando, com os mais prestigiados estabelecimentos a posicionarem-se ao longo dos eixos Clérigos – Praça de D. Pedro (Liberdade) – Santo António e Feira de S. Bento (Almeida Garrett) – Rua das Flores – Largo de S. Domingos, as feiras assegurarão ainda — pelo menos até meados do século XIX — o principal da troca de bens sediada no território portuense.

Existiam feiras onde se comercializava de tudo um pouco e feiras de especialização muito bem definida, feiras com periodicidade anual, bi-anual, mensal, se-



IMAGEM DA FEIRA DO PÃO NA PRAÇA DE SANTA TERESA (PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES), UMA DAS MUITAS FEIRAS DO PORTO QUE PERDURAVAM AINDA EM FINAIS DO SÉCULO PASSADO



ASPECTO DA IGREJA DOS CARMELITAS E DA IGREJA DO CARMO,  
VENDO-SE NA DIRECÇÃO DA PRAÇA DE CARLOS ALBERTO  
A FACHADA NASCENTE DESTA, LOCAL DE REALIZAÇÃO  
DA FEIRA DOS MOÇOS EM MEADOS DO SÉCULO PASSADO

manal e diária e locais de uma só feira e outros onde os feirantes de vários artigos coexistiam ou se sucediam.

Os produtos vendidos estavam, em muitos dos casos, associados a bens alimentares: feira do pão em Santa Teresa (Guilherme Gomes Fernandes), dos cereais e farinha nos Voluntários da Rainha (Gomes Teixeira), de bens diversos com predomínio dos alimentares em S. Bento e Santo Ildefonso, havendo igualmente muitos casos em que sobressai a relação íntima com o apoio à actividade agrícola e pecuária, caso, entre outras, das feiras de S. Miguel (Cordoaria), da erva (Praça D. Pedro), dos bois (Campo da Feira dos Bois, depois de 24 de Agosto), dos porcos (Praça da Alegria), etc. De entre elas uma das mais curiosas e das que mais movimento e interesse popular geravam, era a chamada feira dos moços (ou dos moços e das moças), cuja razão de existência se prendia com a necessidade de contratação de mão-de-obra temporária para trabalhos agrícolas e a existência de pessoas disponíveis para executar tais tarefas, como forma de obtenção de trabalho pago.

Deste modo, bi-anualmente, potenciais empregados e empregadores encontravam-se e constituíam uma feira invulgar na cidade, com realização em Abril e Novembro, tendo em vista os trabalhos agrícolas de início de Verão (associados normalmente à colheita) e de Inverno (sementeira).

A sua existência é anterior a 1856, ano relativamente ao qual há notícia segura da sua efectuação na Praça de Carlos Alberto. Segundo os relatos, os moços e moças colocavam-se junto à fachada nascente da Igreja do Carmo, sendo apreciados e depois contactados pelos agricultores, com vista à fixação de prazos e pagamento. «Apalavrados», juntos se encaminhavam para uma taberna ou casa de pasto próxima (que eram muitas, junto ao terminal das diligências de Viana do Castelo, que seguiam por Cedofeita), onde o contrato era selado com uma caneca de vinho para cada.

Esta feira atraía considerável número de pessoas, entre interessados e simples curiosos, repetindo-se bi-anualmente ao longo de várias décadas, criando até uma «especialização profissional» ao nível da intermediação entre potencial empregado e empregador, o misseiro. Todavia, no seu sucessivo afastamento e crítica, ia-se fazendo notar o desagrado crescente das autoridades municipais — e, por certo, de uma boa parte da população —, zelosas da urbanidade e modernidade do Porto industrial, ao qual importava extrair práticas que eram depreciativamente consideradas como rurais.

Ainda assim, mesmo depois de em 1898 ter sido decretada a sua extinção (numa altura em que se efectuava, a par da feira de S. Miguel, junto à Rotunda da Boavista), a feira dos moços e das moças, de acordo com testemunhos ainda vivos, perdurava ainda, já bem entrado o século XX, do outro lado da cidade, no Largo da Corujeira, onde as tabernas e casas de pasto serviam de locais onde, a dois ou a três, se continuavam a selar contratos temporários para a realização de trabalhos agrícolas.

JOSÉ  
A. RIO  
FERNANDES